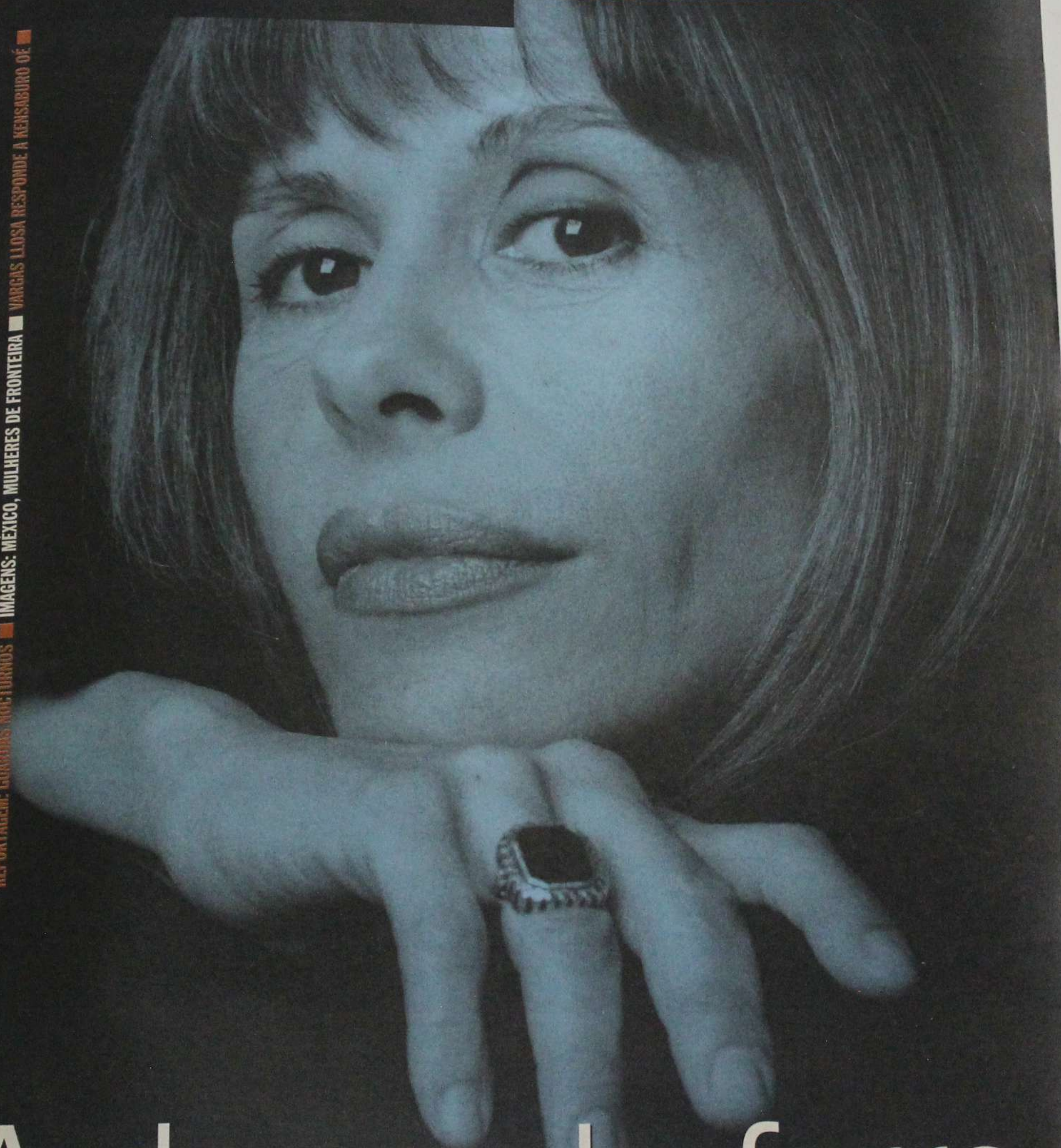


SABADO - Nº 119
6 DE MARÇO DE 1998


DNa

REPORTAGEM: GUARDAS NOCTURNOS ■ IMAGENS: MÉXICO, MULHERES DE FRONTEIRA ■ VARGAS LLOSA RESPONDE A KENSURO OÉ ■



A dama de ferro

DE QUEM FALAMOS QUANDO FALAMOS DE MANUELA MOURA GUEDES? DA MULHER QUE DÁ A CARA POR UM DETERGENTE, DA DEPUTADA QUE SENTIU O PESO DA TRAIÇÃO, DA JORNALISTA QUE NÃO TEME NEM DEVE? A ESTAS PERGUNTAS ELA RESPONDE. DESABRIDA E SURPREENDENTE



A cidade das mulheres

Fotoreportagem

FOTOGRAFIAS DE NINA BERMAN/
SIPA PRESS
TEXTO DE TERESA MAIA E CARMO

«Mas é preciso ter força/é preciso ter raça/é preciso ter manha sempre/uma mulher que merece/e que ri quando deve chorar/não vive apenas aguenta», cantado pela Simone, com aquela voz. Porque é claro que o Dia Internacional da Mulher faz sentido, porque não, ainda não somos todos iguais. Histórias de mulheres da fronteira. A do México com os Estados Unidos e outras





■ María Sagrario saiu da fábrica eram seis da tarde. Deixou para trás a sirene do fim do turno e os farrapos gigantes de peças que se amontoavam cá fora, preparava-se para apanhar um dos dois autocarros que tinha para chegar a casa. Nunca chegou. Naquele momento estava a ficar escuro e o único som era o rumor distante de um chevrolet, que rodava lentamente. Sagrario teve tempo de espiaçar as ideias pensando nas aulas de catecismo que dava ao fim de semana a miúdos de cabelos negros, sempre a correrem de um lado para o outro. Teve tempo de pensar no fresco da Igreja branca, com bancos compridos de madeira e o linóleo pregado ao chão com tiras de alumínio, aos pés da grande Virgem Maria de gesso. No fim, a voz animal, agonizante, tinha o mesmo som dos olhos das lebres hipnotizadas pelas lanternas dos texanos que vinham caçar para cá da fronteira. Seria um galo ou uma mulher que grita à distância? Ninguém percebeu, até duas semanas depois quando a polícia encontrou o corpo de uma rapariga que tinha sido estrangulada, esfaqueada cinco vezes e abandonada no deserto. Mais uma.

Esta é uma notícia recorrente em Ciudad Juarez, México, na raia com os Estados Unidos, a poucos quilómetros de El Paso. Com dois milhões de pessoas, a cidade cresceu muito com a implantação florescente de fábricas de montagem de componentes, as «maquilas». É muita gente de repente, com deserto à volta. É um sítio especial, onde as coisas estão a mudar demasiado rapidamente, com as mulheres na parte da frente da onda. Desde 1993, foram assassinadas entre 100 a 150— dependendo de quem faz a contagem. A violência doméstica reclama algumas vítimas, a barreira escura da cidade resgata outras, colocam-se hipóteses acerca de serial killers, mandam-se vir especialistas do FBI em crimes sexuais, algumas não se sabe. Execuções ligadas à droga, vinganças sobre bailarinas exóticas que um dia se tornaram rebeldes, pros-

Ainda há rapangas de curvas espectaculares com pequenos brincos de prata em forma de cruz, que falam aquele espanhol rápido e terno dos mexicanos, com salero nos olhos e ambições decentes na alma. Os corvos fluem na mesma por cima das estradas à procura de lagartos mortos. Mas as coisas mudaram muito na última fronteira

tituição, gringos perdidos de bêbados que vieram fugidos para aqui. As famílias das vítimas formaram um grupo chamado «Vozes sem Eco» que se junta, religiosamente, todas as segundas feiras em frente à polícia com os seus cartazes escritos à mão. Um deles diz «Justicia para Sagrario!».

Juarez atrai mães solteiras como uma íman, famílias inteiras atravessam o deserto pelo salário de 50 dólares (cerca de 9 contos) por semana. A família Flores, por exemplo, julgou que tinha o caso da sobrevivência arrumado. Blanca Estella, 20 anos, trabalhava no turno da tarde numa fábrica, enquanto a mãe e os irmãos faziam o da manhã. Quando chegava às duas da madrugada, já a mãe tinha posto os seus três filhos na cama. O problema punha-se a partir das seis, quando a família já tinha saído: Blanca estava a dormir e os miúdos bem acordados. Uma manhã, no passado Outubro, um incêndio deflagrou na parte de baixo da casa. Quando finalmente foi extinto, Blanca Estella estava morta, a Denise de 5 anos tinha queimaduras em 30% do corpo e Abel, 4, perdera a maior parte do lado direito do seu corpo para as chamas.

Mas não é só isto. Já não se vêem só carros velhos que disputam a estrada com cães pardos e algumas cabras que fogem aos rolos de poeira, como nos filmes. Ainda se vêem mexicanos endurecidos nos seus fatos completos de veludo preto e aplicações de prata, a coçar a cicatriz que têm na nuca, enquanto matam tempo e moscas nas esplanadas quentes. Ainda há rapangas de curvas espectaculares com pequenos brincos de prata em forma de cruz, que falam aquele espanhol rápido e terno dos mexicanos, com salero nos



Execuções ligadas à droga, vinganças sobre bailarinas exóticas que um dia se tomaram rebeldes, prostituição, gringos perdidos de bêbados que vieram fugidos para aqui. Juarez atrai mães solteiras como uma íman, famílias inteiras atravessam o deserto pelo salário de 50 dólares (cerca de 9 contos) por semana

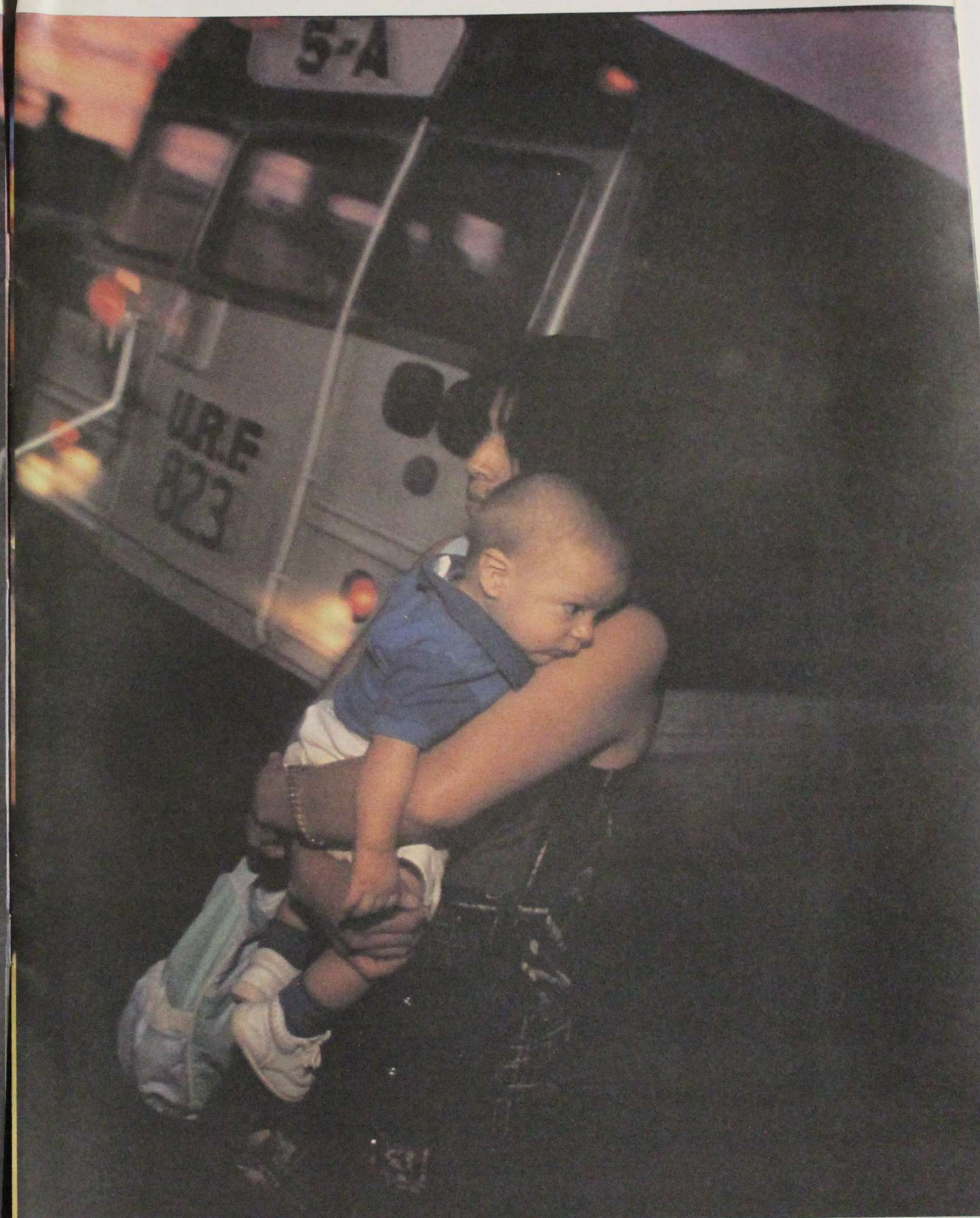
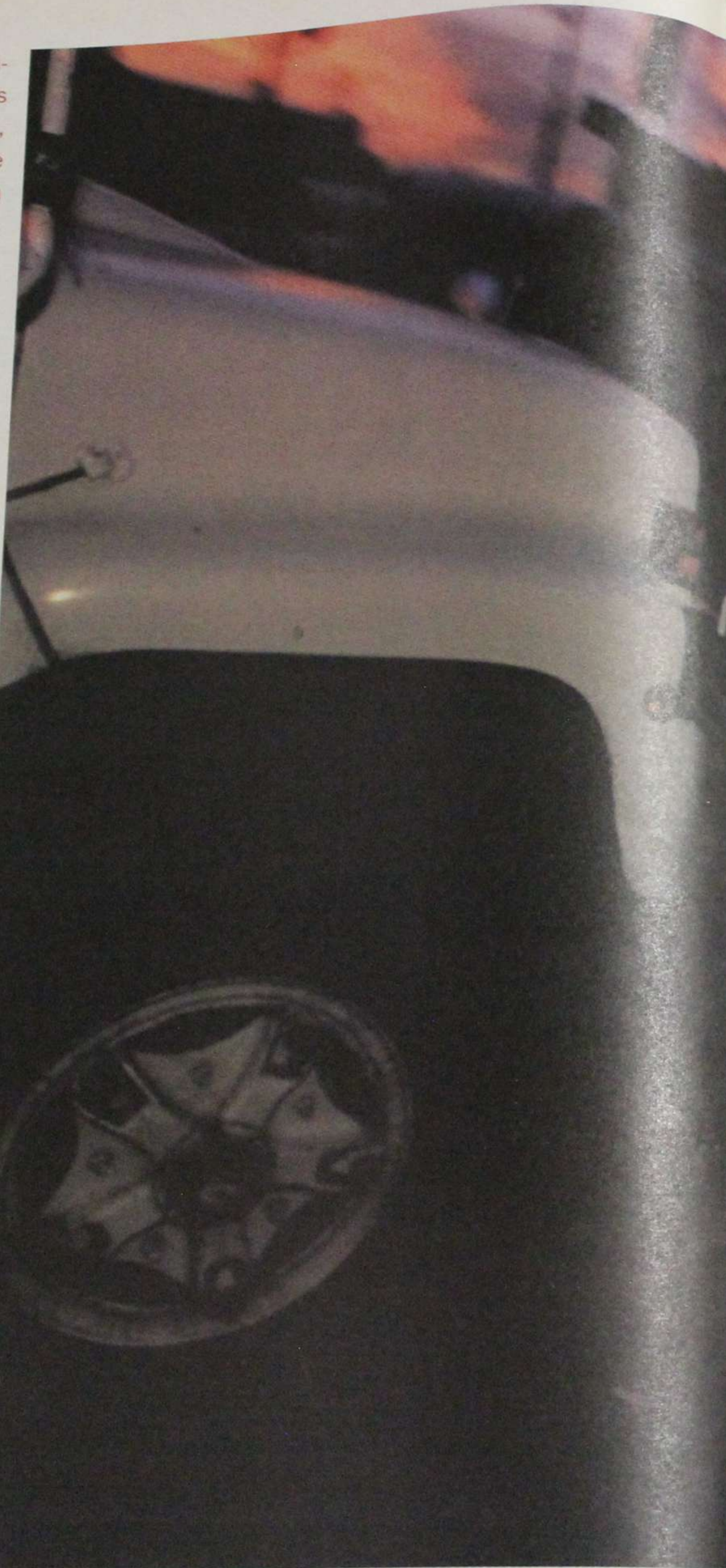
olhos e ambições decentes na alma. Os corvos flutuam na mesma por cima das estradas à procura de lagartos mortos. Mas as coisas mudaram muito na última fronteira, de caras para o Texas, a um canto, e a Califórnia no outro.


As ondas de calor verde azuladas a tremeluzir por cima dos telhados de lata não contam só histórias tristes de partir o coração. Falam também da Irene Arrieta, 39 anos, que após longas horas a bulir na Delphi, uma fábrica de componentes de automóveis onde é executiva de topo, sabe que o marido Raúl já deu de jantar aos dois filhos quando chegar. E da Liliana Nuñez, 18 anos, que depois da «maquila» vai estudar Direito à noite. Já foi tempo em que «maquilera» queria dizer mulher fácil.

Estas mulheres de fronteira trabalham muito mais fora de casa que em todo o resto do México. Casam mais tarde e têm menos filhos em média que as outras. Martha Silvia Montañez lembra-se muito bem como era embaraçoso dizer que era «maquilera», quando começou ainda adolescente a trabalhar nas primeiras fábricas de Juarez, nos anos 70. Na altura, só 17% das mexicanas trabalhavam —hoje são 40%— e jornais alarmistas contavam à boca cheia histórias de fetos encontrados nos caixotes do lixo das fábricas. As primeiras que se instalaram contratavam mulheres jovens e solteiras, que concerteza não iriam para ali fazer greves nem aquecer o lugar durante muito tempo, porque certamente em breve casariam e teriam os seus filhos como boas católicas.

As «maquileras» continuam a aportar em massa a toda a fronteira onde hoje vivem mais de 12 milhões de pessoas, contra as menos de quatro mil em 1980. A procura de trabalho é imparável, a oferta correspondente. Juarez, plantada no meio do deserto tem menos de 2% de taxa de desemprego. Ganha-se mal, mas melhor que no resto do país. A enorme concentração de mulheres chama mais a atenção para os problemas delas, que ali são mais visíveis. Existem supermercados-de-24-horas, programas contra a discriminação de grávidas no trabalho, salas para amamentação e algumas creches nas fábricas, projectos de vitaminas grátis para crianças patrocinados por multinacionais.

As leis que protegem as grávidas são ainda muito vagas, o Congresso do México está prestes a discutir pela primeira vez a hipótese de descriminalização do aborto em casos de violação ou risco da saúde da mãe. O México ainda tem muito que andar em matéria de protecção dos direitos das mulheres. Mas quando as portas se lhes fecham, as janelas da fronteira já não estão tão altas para um número razoável delas. Já não têm que sonhar com a felicidade só de avental nas casas grandes dos Texanos ricos. Já não têm que desertar do deserto. Quando María, Irene, Martha ou Liliana olharem à noite para o estuque remendado do tecto, podem adivinhar que o sol quando nasce não é só para as fritar. O que é sempre bom saber. ■





As «maquileras» continuam a aportar em massa a toda a fronteira onde hoje vivem mais de 12 milhões de pessoas, contra as menos de quatro mil em 1980. A procura de trabalho é imparável, a oferta corresponde. Juarez, plantada no meio do deserto tem menos de 2% de taxa de desemprego. Ganha-se mal, mas melhor que no resto do país